

Cláudia Schvingel

Centro Universitário Univates
clau.dia1@hotmail.com

Ieda Maria Giongo

Centro Universitário Univates
igiongo@univates.br

Angélica Vier Munhoz

Centro Universitário Univates
angelicavmunhoz@gmail.com

GRUPO FOCAL: UMA TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo evidenciar a produtividade da técnica de grupo focal para a emergência de material de pesquisa. Esta é utilizada no campo da pesquisa qualitativa nas mais diferentes áreas de estudo; porém, mostra-se incipiente nas investigações relativas ao ensino. Apoiado teoricamente nas ideias de um grupo de pesquisadores, cujos estudos mostram que o grupo focal é uma técnica que favorece aproximações entre o pesquisador e os pesquisados, o texto também expressa que a referida técnica contribui para o entendimento de como se formam, em tais grupos, as diferentes concepções a respeito de um tema e ou objeto em estudo.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa Qualitativa. Técnica de grupo focal.

FOCUS GROUP: A QUALITATIVE RESEARCH TECHNIQUE

ABSTRACT

This paper aims to show the productivity of the focus group technique for emergency research material. The technique is used in the field of qualitative research in many different fields of study, however, it is incipient in researches related to teaching. Theoretically supported on the ideas of a group of researchers whose studies show that the focus group technique promotes approaches between the researcher and the researched. The text also expresses that this technique contributes to the understanding of how the different conceptions about a topic and or object studied are formed.

Keywords: Teaching. Qualitative Research. Focus Group Technique.

Submetido em: 05/07/2017

Aceito em: 04/12/2017

DOI: 10.28998/2175-6600.2017v9n19p91

1 INTRODUÇÃO

Estudos como os de Bauer *et. al.* (2010, p. 24) referendam que as discussões em torno de métodos de pesquisa foram centrais para “desmistificar a sofisticação estatística como o único caminho para se conseguir resultados significativos”. Para eles, o poder de persuasão da pesquisa quantitativa serve, em muitos casos, para mascarar, pois, como afirmam os referidos autores (*idem*) “[...] se colocarmos informações irrelevantes, teremos estatísticas irrelevantes” e completam afirmando que,

No nosso ponto de vista, a grande conquista da discussão sobre métodos qualitativos é que ela, no que se refere à pesquisa e ao treinamento, deslocou a atenção da análise em direção a questões referentes à qualidade e à coleta dos dados (BAUER *et. al.*, 2010, p. 24).

De imediato, assinalamos que não é nosso intuito mapear, de modo exaustivo, o que tem sido produzido nessas perspectivas teóricas, tampouco emitir pareceres sobre pesquisas quantitativas ou qualitativas e as produções delas decorrentes. O que pretendemos é evidenciar que, tratando-se de pesquisa qualitativa, a técnica de grupo focal representa uma possibilidade para a emergência de dados, permitindo discussões acerca de um tema ou objeto de investigação.

Iniciamos nossa argumentação apontando que vivemos em um tempo de crise das certezas. Esta, conforme Costa (2002, p.14), repercute na vida dos pesquisadores que, nela imersos, parecem, “[...] não reconhecer que enfrentamos [...] um questionamento radical das concepções epistemológicas norteadoras da produção de conhecimentos nesse campo do social”. Para a autora, não são todos os investigadores que tentam superar essa crise posta pelo formalismo metodológico da ciência moderna. A referida autora (*idem*, p. 16) ainda explicita outra questão fundamental que envolve o fazer pesquisa, alertando que “não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz a diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber as relações entre saber e poder”.

Ainda Costa (2002) acrescenta que o problema não estaria na metodologia utilizada durante a investigação, mas nas questões que são apresentadas ou levantadas pelo pesquisador. Este, na técnica de grupo focal, ao iniciar a dinâmica, lança um tema, que pode ser uma pergunta, frase, palavra, imagem, vídeo, manchete de jornal, enfim, algo relacionado ao objeto a ser investigado. A partir do momento em que definimos nosso tema ou objeto de pesquisa, que fará parte do processo pensarmos em como vamos desenvolvê-lo, ou seja, em que paradigma (s) nos situamos.

Nesse sentido, Corazza (2002^a, p. 106) também explicita um questionamento que foi central para a constituição desse texto: “Afinal, como é mesmo que venho fazendo meu movimento de pesquisa?”. Ademais, apresenta que toda e qualquer investigação “[...] nasce precisamente da insatisfação com o já-sabido” (idem p. 111). Ainda segundo Corazza (2002b, p. 64), a insatisfação à qual se refere na pesquisa é com aquilo que já foi dito, feito e sentido na docência moderna. De fato, por meio dessas ideias, o que se procura é o “[...] não sabido, o não olhado, o não-pensado, o não-sentido, o não-dito”. No tocante a esse movimento, o pensamento está automaticamente envolvido e se inicia um processo de desconfiança das certezas, de estranhamento do que antes era conhecido, explicável. Paraíso (2012, p. 27) explicita que “partimos para pesquisar com a sensação embriagadora de que a pesquisa em educação de fato tem importância”.

Por conta dessa completude, iniciamos as discussões recorrendo aos estudos de pesquisadores que conduziram suas investigações fazendo uso da pesquisa qualitativa. Dentre eles, mencionamos Zanon (2013), Nicaretta (2013), Grasseli (2012) e Giongo (2004, 2008). Tais autores expressam os cuidados metodológicos quanto à emergência do material de pesquisa bem como a questões vinculadas à ética em pesquisa. Outra evidência da aproximação de tais trabalhos pode ser observada no modo como os nomeados autores se afastam da ideia de emitir juízo de valor sobre os modos de trabalhar de seus entrevistados ou suas opiniões a respeito do ensino e da aprendizagem. Em especial, ao mencionar como foi levada a operar com a pesquisa qualitativa, Giongo (2004) acentua que o período em que pesquisou

[...] constitui-se em um momento muito especial de minha trajetória de professora, pois possibilitou-me rever antigas concepções com as quais desenvolvia, há quase uma década, meu trabalho docente junto aos alunos-trabalhadores e alunas-trabalhadoras da indústria calçadista. Tudo o que eu “aprendera”, na graduação, nos cursos de aperfeiçoamento que fizera ao longo de minha trajetória foi sendo posto em discussão no decorrer da pesquisa (GIONGO, 2004, p. 203).

Com relação à adoção da postura ética na pesquisa qualitativa, Dal’Igna (2012) e Fischer (2002) citam suas contribuições. Para a primeira, (2012, p. 199) “[...] ética e pesquisa são indissociáveis”. Portanto, essa tem implicações éticas, podendo “[...] variar conforme: a) natureza da pesquisa. [...]; b) as pessoas envolvidas. [...] c) as finalidades do estudo” (idem, 2012, p. 199-200). Já para Fischer (2002, p. 52), “[...] nossas escolhas de pesquisa são éticas, são sempre de algum modo políticas”. Segundo a autora, esse é o ponto de partida da investigação.

Fischer (2002, p. 56) propõe a ruptura das ideias do senso comum, com aquelas representações partilhadas no interior das instituições e organizações. Para tanto, “[...]”

trata-se de romper com (ou pelo menos colocá-las em suspenso) representações que muitas vezes habitam nossos próprios modos de pensar e existir acadêmicos”.

A referida autora (2002, p. 66) sugere ainda como ponto crucial de largada “[...] o fato de que a linguagem e representação, discursos e enunciados, são parte vital das práticas, eles mesmos são práticas, e estas se impõem ao sujeito”. As palavras da autora nos indicam quanto às enunciações de um grupo de pessoas, quando investigados, expressam entendimentos a respeito de um tema ou objeto estudado. O grupo focal é uma técnica que permite ao pesquisador analisar esses entendimentos.

Dal’Igna (2012, p. 198) propõe quatro princípios teórico-metodológicos de investigação em pesquisas qualitativas: “Exercite a suspeita, assuma suas intenções, abandone a pretensão da totalidade e adote uma postura ética”. A autora problematiza o paradigma moderno e nos impulsiona ao exercício da suspeita: “Desconfie das verdades e das certezas” (idem, 2012, p. 198). Ainda para Dal’Igna (2012, p. 199), “[...] o pesquisador produz e reproduz verdades. Os conhecimentos produzidos na e pela pesquisa devem ser compreendidos em termos de verdade e poder”.

A totalidade, outro conceito desenvolvido pela autora (2012, p.199), é compreendida como “Os conhecimentos produzidos pela pesquisa serão sempre parciais e não totais. Tais conhecimentos não podem ser analisados de forma totalitária”. Na pesquisa qualitativa, a adoção de uma postura ética também precisa emergir e, assim, a “[...] ética e pesquisa são indissociáveis” (idem). Essa tem implicações éticas, podendo variar conforme a “[...] natureza da pesquisa, as pessoas envolvidas, as finalidades do estudo” (DAL’IGNA, 2012, p. 199 e 200).

Nos estudos de Flick (2009, p. 20), encontramos alguns questionamentos pertinentes, tais como: “Por que utilizar a pesquisa qualitativa? Existe alguma demanda especial desse tipo de abordagem na atualidade?” Ela acrescenta (2009, p. 20): “os defensores do pós-modernismo argumentam que a era das grandes narrativas e teorias chegou ao fim”. Flick (2009) ainda defende que essas narrativas precisam ser locais, temporais e situacionais. Podemos observar que as mudanças sociais estão se acelerando ininterruptamente, “[...] e a conseqüente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais” (FLICK, 2009, p. 21).

Essas são as situações criadas pela sociedade e não podemos mais pensar em fazer pesquisa como em outros tempos, com modelos empiristas, inatistas, cognitivistas e comportamentalistas. Flick (2009, p. 23) elenca uma lista de aspectos preliminares para a pesquisa qualitativa, tais como: “A propriabilidade de métodos e teorias; perspectivas dos

participantes e sua diversidade; reflexividade do pesquisador e da pesquisa; variedade de abordagens e de métodos na pesquisa qualitativa”.

Além desses aspectos, deparamo-nos com as contribuições de Dal'Igna (2012, p.196), constatando que, na pesquisa, “[...] é preciso dar o primeiro passo, um passo de cada vez, gradualmente, apertando e afrouxando o passo, imprimindo um ritmo ao movimento, até que o processo de fazer pesquisa seja incorporado e possamos reproduzi-lo, passo a passo”. Na investigação, dar os primeiros passos e andar é como um processo de incorporação para, dessa forma, iniciarmos a pesquisa qualitativa. Um bom começo é percorrer as etapas de outros pesquisadores mais experientes. Para Dal'Igna (2012, p.196), ela é um processo incerto e, se formos imprudentes, acabaremos dando “[...] um mau passo [...]”. Seguindo esse pensamento, a autora (idem) aponta que, em outros momentos, não avançamos quando “[...] marcamos passo [...] e não geramos os resultados esperados”.

De fato, pesquisar no contexto educacional implica desconstruir as certezas e passar

[...] a estranhar o que sempre foi tão familiar, a duvidar do que oferecia só certezas, a desassossegar o sossego, a assustar o tranquilo, a suspeitar das verdades colocadas de qualquer suspeita, a historicizar o que era concebido como determinado, seguramente transparente, simplesmente herdado, solidamente perpetuado (CORAZZA, 2002b, p. 56-57).

Imbricados nesse movimento de pesquisa, iniciamos um processo de desconfiança das certezas, de estranhamento do que antes era dado como certo, colocando em funcionamento, segundo Corazza (2002b, p.56), “[...] outra máquina de pensar, de estudar e escrever, de ensinar e aprender, [...]”. Para tanto, o movimento de pensamento fará surgir outros modos de fazer pesquisa; dentre eles, a utilização do grupo focal enquanto técnica para obter resultados significativos.

Nessa relação com a pesquisa, Corazza (2002a, p.124) pergunta: “E como a pesquisa nos toma?”. Para respondê-la, ela dirá: “Ora, cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assinalada pela formação histórica em que foi constituída”, e, assim, para a autora, “somente na condição de insatisfação com as significações e as verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso, e nelas investigar e destacar outras redes de significações” (idem, 2002, p.111).

Em vista disso e conforme exposto inicialmente a respeito do não conhecimento da técnica e das poucas produções no ensino, aventuramo-nos com o que Corazza (2001, p.18) sustenta: “Aquilo que não se pode saber, é preciso pesquisá-lo”. Dessa forma, optamos pelo aprofundamento de uma metodologia de pesquisa denominada técnica de grupo focal.

Na pesquisa qualitativa, encontramos diferentes instrumentos e ou técnicas para desenvolvê-la, tais como: entrevistas semiestruturadas gravadas, pesquisa de campo, registros no diário de campo, estudos de caso, grupo focal. Este nos levou a um estudo aprofundado por se tratar de uma técnica que pode ser produtiva para investigações vinculadas ao ensino.

2 A TÉCNICA DE GRUPO FOCAL

Utilizamos, em nossas argumentações, ideias de autores que apregoam a produtividade da técnica de grupo focal em suas pesquisas; dentre eles, Dal'Igna (2012), Flick (2009), Gill (2009), Gatti (2005), Barbour (2009), Lervolino e Pelicioni (2001), Gomez (2005) e Nicaretta (2013). A escolha de tais materiais se deu em função de leituras realizadas por ocasião da efetivação de uma pesquisa que culminou com a escrita de uma dissertação de Mestrado, defendida em 2015.

Ademais, selecionamos dissertações e teses oriundas do repertório digital do LUME¹ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tendo em vista a expressiva quantidade de investigações efetivadas nos Programas de Pós-Graduação, em especial no âmbito da educação. Nesse site, pesquisamos utilizando os descritores: “técnica de grupo focal, ensino e perspectiva pós-estruturalista”, no período de 2011 a 2014, encontrando onze resultados. Desses, seis trabalhos fazem uso da técnica de grupo focal para o ensino, que são de Dornelles (2013), Giacomini (2011), Bello (2014), Hampel (2011), Wenez (2012) e Dal'Igna (2011). Os demais foram desenvolvidos com grupos ligados à saúde, à assistência social e famílias.

No banco de teses da CAPES, e no repertório digital do LUME, pesquisamos algumas possibilidades com palavras chaves a respeito da técnica, para conhecer outros trabalhos que também tivessem feito uso desse instrumento. No banco de teses da CAPES, com as palavras grupo focal foram encontrados 580 registros. Já com as mesmas palavras, colocadas entre aspas, visualizamos 520 registros. Com as palavras técnica de grupo focal nos deparamos com 190 registros, já entre aspas com 72 registros e, para finalizar, com as palavras grupo focal na perspectiva pós-estruturalista, não encontramos resultados. Destacamos, neste estudo, alguns dos trabalhos encontrados como de: Rogenski (2011), Dagnoni (2011), Sousa (2011) e Freitas (2011), que não estão necessariamente ligados ao

¹ Maiores informações em www.lume.ufrgs.br/.

ensino, mas que em suas pesquisas expressam questões pertinentes a respeito da técnica de grupo focal.

A técnica de grupo focal é composta por um grupo de pessoas reunidas pelo pesquisador para discutir e comentar um tema e o objeto da pesquisa, a partir de experiências vividas acerca de assuntos emergentes na sociedade e problematizadas pelo investigador. Gill (2009), em sua obra, apresenta um rápido histórico do surgimento do grupo focal, tendo sua origem no sociólogo Robert King Merton (1910-2003), envolvendo estudos sobre a moral dos soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Já em estudos de Gomez (2005), o grupo focal é mencionado na literatura desde a década de 20, como técnica em pesquisa de marketing. Em 1950, a academia não demonstrou interesse pelos estudos e, somente a partir de década de 80, as universidades têm feito uso da referida técnica.

Por conta disso, estudos apontam que a técnica de grupo focal tem gerado polêmicas entre as áreas ditas sociais e as humanas de acordo com o que apresenta Gomez (2005, p. 40):

Existe uma polêmica instaurada no campo das ciências sociais entre os pesquisadores que utilizam e concebem o grupo focal de forma diferenciada. Em áreas como a publicidade, *marketing*, saúde, planejamento e gestão, os grupos focais se configuram mais como um processo de entrevista coletiva em que os trabalhos são desenvolvidos de forma operativa, com a adoção de procedimentos estruturados, controlados por questões específicas e num tempo determinado.

Para Gomez (2005, p. 41), nas áreas, como a sociologia, psicologia social, antropologia cultural e, atualmente, a da educação, quando usada a técnica de grupo focal, “[...] privilegia-se o processo interacional, ou seja, são as redes de interações produzidas por uma condição mais flexível dos trabalhos, os elementos básicos de um processo investigativo”. No entanto, ainda para Gomez (2005), cada vez mais a técnica de grupo focal tem ampliado seus propósitos, estando a cargo da criatividade do pesquisador.

Ao analisarmos o termo “focal” nas discussões de Wenzel (2012, p. 55), verificamos que

Usa-se a expressão ‘focal’ porque as conversações são realizadas como uma atividade coletiva, como realizar uma tarefa, assistir um filme e depois debater sobre esse assunto com um conjunto específico de questões. Embora se possa confundir com entrevistas grupais, a ideia é um pouco mais ampla, no sentido de que os participantes expõem suas ideias e comentários.

Os estudos de Wenzel (2012) mostram que o termo “focal” não se associa a uma técnica individual, mas à importância do coletivo para gerar debates e discussões. Em Dal’Igna (2011, p. 65), o grupo focal é caracterizado pelo seu caráter interativo entre os participantes e o pesquisador, “[...] que objetiva colher dados a partir da discussão focada

em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamada de grupo focal)". O pesquisador convida um grupo de pessoas que se proporia a participar das discussões e reflexões sobre o objeto de investigação de forma espontânea e voluntária. Ainda para Gill (2009, p. 84),

[...] no decorrer da técnica do focusgroup, os participantes interagem entre si num processo de discussão que é observado e registrado pelo moderador, que é alguém integrado ao grupo. Assim, ao final, obtêm-se informações não apenas acerca do que as pessoas pensam, mas também em relação ao que sentem e como agem.

Na tese de Doutorado de Rogenski (2011, p. 47), a técnica foi usada como uma estratégia para discussão de um problema e coleta de dados com um grupo de enfermeiras. Para ela, o grupo focal "[...] visa complementar a coleta de dados qualitativos por favorecer a interação e intervenção dos sujeitos na realidade a ser estudada, com sua participação efetiva e co-responsabilidade no processo".

No trabalho de dissertação de Mestrado, Nicaretta (2013) descreve que essa técnica é usada em investigações com abordagem qualitativa, pois permite a obtenção de informações a respeito do objeto de pesquisa, que, por meio de outras metodologias, não seriam alcançadas. Para ela, o coordenador/norteador/orientador do grupo focal deve ter uma postura de facilitador durante as discussões para que não haja nenhuma influência nas opiniões, promovendo a participação de todos, encorajando-os a se envolverem nas discussões. Nesse encontro, para Gatti (2005, p. 9), o grupo focal "[...] permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos educacionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar". Gatti (2005) defende a importância da técnica para a produção de significados durante a pesquisa de campo.

Em Hampel (2011), encontramos a expressão facilitador/a para o (a) pesquisador (a) ou norteador (a) da técnica de grupo focal, sendo que este deve estabelecer e favorecer a discussão, pois não se realiza apenas uma entrevista de grupo. É interessante observar como a nomeada autora (2011, p.91) analisa a técnica: "Todos/as nós aprendemos e nos redescobrimos através das sessões, muitas questionaram tabus e preconceitos e refletiram sobre seus modos". Assim, os encontros são sinalizados como momentos de aprendizagem e produção de informações.

Para tanto, Gatti (2005, p. 8-9) nos escreve que:

[...] o facilitador ou norteador das discussões deverá fazer encaminhamentos quanto ao tema e fazer intervenções que facilitem as trocas, como também procurar manter os objetivos do trabalho do grupo. A técnica de grupo focal tem por objetivo captar as trocas realizadas entre o grupo, sentimentos, conceitos, crenças e reações de modo que não seria possível com outros métodos.

Ademais, Gatti (2005), Barbour (2009) e Flick (2009) ressaltam que se faz necessário estabelecer um roteiro e objetivos com o trabalho do grupo focal, exigindo cuidado do pesquisador para que não se perca o objeto de análise da pesquisa. Da mesma forma, esse roteiro deve ser flexível, já que podem surgir contratempos não planejados anteriormente. Para Barbour (2009, p. 41),

A natureza das discussões de grupos focais significa que as histórias provavelmente não vão se desenvolver sequencialmente, tal como seria o caso em uma entrevista individual e, portanto, o quadro apresentado será confuso e as tentativas de analisar os dados serão frustrados.

Nessa perspectiva, Gill (2009) atesta que é aconselhável que o grupo focal contenha, no mínimo, seis participantes e, no máximo, dez. Para Gatti (2005), a duração das sessões não deve ultrapassar três horas; por sua vez, a quantidade depende da necessidade do grupo. Gatti (2009) defende que o número de pessoas da técnica pode variar de seis a doze participantes; já Flick (2009) afirma que o ideal é de cinco a nove pessoas.

Para a estruturação do grupo, Dal'Igna (2012) evidencia que foram seis os encontros da pesquisa que desenvolveu e a duração de cada um foi de cerca de uma hora e quarenta minutos. Cabe destacar que o número para essa técnica varia conforme o interesse do pesquisador e do próprio grupo em que esta vem sendo desenvolvida. Dal'Igna (2012) expressa também que é importante estabelecer uma programação de encontros, como planejamento de organização, sendo estes flexíveis, isto é, podem sofrer alterações.

Em vista disso, reforçamos o planejamento dos encontros com a citada autora, que elaborou um denominado roteiro de debate ou agenda visando à realização de uma discussão focada e obtenção de informações relevantes à pesquisa. Para o roteiro do grupo focal, foram considerados: tópicos de discussão, objetivos, estímulo para discussão, discussão, geração do tópico para o próximo encontro e a confraternização.

As formas de registros desses encontros são amplamente diversificadas; porém, a mais frequente é a gravação em áudio e/ou vídeo. Gatti (2005) expõe a importância dos registros durante as sessões, pois estes constituirão o instrumento de análise do material para o pesquisador. O grupo focal não é uma técnica em que se alternam perguntas do investigador e respostas dos participantes, mas são lançadas algumas questões sobre um tema e o objeto da pesquisa para o grupo de participantes, levando, a partir disso, à discussão.

A técnica de grupo focal não é uma entrevista, mas uma proposta efetiva de troca, de discussão entre os participantes em torno do objeto da pesquisa. A esse respeito, Flick (2009, p. 181) expressa que:

a principal tarefa do entrevistador é impedir que participantes individuais ou grupos parciais dominem, com suas contribuições, a entrevista e, conseqüentemente, todo o grupo. Além disso, o entrevistador deve estimular membros com comportamento reservado a envolverem-se na entrevista e a emitirem suas opiniões, devendo tentar obter respostas de todo o grupo a fim de permitir a maior abrangência possível ao tópico. Por isso, ele deve buscar um equilíbrio em sua conduta entre guiar (diretivamente) o grupo e moderá-lo (não diretamente).

Ademais, para a autora, a principal tarefa do entrevistador é “controlar” a atuação dos participantes da técnica, garantindo, assim, que todos se expressem. Essa técnica permite um ganho de tempo, pois é realizada com um grupo de pessoas ao mesmo tempo, ou seja, uma equipe discutindo e aprofundando coletivamente um assunto. Flick (2009, p. 182) ainda afirma que, “ao contrário da entrevista de grupo, a discussão em grupo estimula um debate e utiliza a dinâmica nele desenvolvida como fontes centrais de conhecimento”.

Flick (2009, p. 182) teoriza que as pessoas têm diversas razões para utilizarem o citado método, ou seja, “O método atraiu muito interesse e é, em geral, encontrado em qualquer manual acadêmico, embora seja utilizado com mais frequência na pesquisa de marketing e em outras áreas [...]”. Essa escrita contém o que apresentamos durante esta produção, sendo a técnica de grupo focal encontrada mais em outras áreas que não seja a do ensino.

Também segundo Bello (2014, p. 29), os grupos focais, em sua produção, têm como um dos principais objetivos o levantamento de dados a partir de discussões feitas em grupo. Para ele, “Esses debates devem ter um eixo central, uma questão em especial que é apresentada pelo pesquisador e discutida pelo grupo”. O autor acrescenta que, diferentemente da metodologia de entrevista, no grupo focal, os destinos da conversa são incertos, podendo resultar em diferentes direções. Essa técnica pode ser bastante produtiva, pois nos fornece pistas para compreendermos o que os participantes pensam acerca do assunto proposto. Além disso, faz-se necessário que o condutor esteja atento às discussões, evitando que estas saiam do foco da discussão.

O grupo focal é uma técnica que permite que os participantes convidados pelo pesquisador participem das discussões e reflexões diante do objeto de investigação de forma espontânea e voluntária. Para Gill (2009, p. 84), no decorrer da técnica,

[...] os participantes interagem entre si num processo de discussão que é observado e registrado pelo moderador, que é alguém integrado ao grupo. Assim, ao final, obtêm-se informações não apenas acerca do que as pessoas pensam, mas também em relação ao que sentem e como agem.

Dal'Igna (2012, p. 204) diferencia a técnica de grupo focal das demais como potência para o diálogo

[...] entre participantes de um mesmo grupo. Este diálogo deve estimular tanto as ideias consensuais quanto as contrárias. Da mesma forma, a técnica de grupo focal, diferentemente de entrevistas (individuais ou coletivas), permite produzir um material empírico a partir do qual se pode analisar diálogos sobre determinados temas e não falas isoladas.

Para a realização da técnica, Dal'Igna (2012, p. 205) considera importante observarmos o local da realização do grupo focal. Atesta que “É preciso escolher uma sala confortável para as pessoas participantes (fácil acesso, afastada de interferências, bem iluminada e arejada) e adequada para gravação (boa acústica, sem ruídos)”. Para a autora, é possível a composição de um grupo ocorrer de duas formas: por indivíduos que já se conhecem e os que até esse momento sejam estranhos. Essa distinção produz efeitos na estrutura dos grupos e, principalmente, na análise das informações. Também Bello (2014) defende que as equipes podem ser constituídas por pessoas sabedoras da existência umas das outras ou que ainda se desconheciam. Para Bello (2014, p. 30),

Nos grupos de estranhos, as pessoas que o compõem não necessariamente se conhecem, o que permite, de certa forma, que as discussões/respostas às questões não sejam prejudicadas pela familiaridade que as pessoas têm entre elas. Já nos grupos pré-existentes, os membros já se conhecem e podem ter interesses em comum além dos que interessam à pesquisa.

Na dissertação de Mestrado de Dagnoni (2011), a autora desenvolve a técnica com oito professores voluntários, destacando a importância da organização do ambiente em que acontecem as sessões por meio dos estudos de Barbour (2009) e Gatti (2005). Segundo o autor, (2011, p. 23), Para que esta técnica aconteça com sucesso, o local deve contemplar: “[...] acessibilidade, materiais e instrumentos previamente testados, isolamento acústico, disposição de mobiliário favorecendo a interação do grupo”.

Já na dissertação de Sousa (2011, p. 85), a técnica foi utilizada com estudantes do 8º semestre do curso de Fisioterapia. Para o autor, a técnica alcançará sucesso, no momento em que

O moderador tenha domínio das técnicas de dinâmica de grupo e saiba tolerar ambiguidades, paradoxos, contradições, insuficiência, impaciências, e consiga ouvir, interromper nos momentos necessários, fazer sínteses e reformulações sem emitir sua visão, estimular a participação e evitar monopólios da palavra, tomar cuidado com a linguagem para não fazer aprovação ou reprovação do que está sendo dito.

O autor também realizou sua pesquisa com um grupo de educadores. Ele destaca que o local deve favorecer o trabalho, com um ambiente arejado, com a prévia organização do espaço em semicírculo, facilitando a discussão coletiva e a interlocução direta. Na dissertação de Mestrado de Freitas (2011, p. 41), destaco o que evidencia acerca da ética

para a técnica de grupo focal. Para ele a ética merece “[...] atenção especial, pois deve garantir a privacidade dos participantes, já que a gravação é fundamental para a análise”.

Lervolino e Pelicioni (2001), ao realizarem estudos na área da saúde, afirmam, em síntese, que desenvolver uma pesquisa utilizando o grupo focal fomenta um processo que contém procedimentos que visam à compreensão das experiências do grupo participante e do próprio ponto de vista sobre um assunto. Para Dornelles (2013, p. 68): “os encontros do grupo focal foram experiências que suscitaram pistas do entorno, do necessário e do fundamental, assim como indicaram os cuidados para o que foge, o que escapa e o que pode ser perigoso na realização dos grupos focais”.

Destacamos, nesse excerto da autora, a importância do olhar do pesquisador ou moderador no entorno das pistas evidenciadas pelas enunciações durante a técnica. Giacomini (2011, p. 54) também escreve a respeito do olhar e da escuta como sendo importantes para a análise das interações provocadas pelo pesquisador:

A utilização de grupo focal como técnica de pesquisa ressalta a importância da análise das interações e das trocas entre os informantes, exigindo da pesquisadora um olhar e uma escuta atenta para as rupturas, os silêncios, os consensos, os dissensos, as sequências das falas.

Para tanto, a autora define a escolha por grupos focais como um procedimento de investigação que se deu por “[...] entender que, ao favorecer a expressão de impressões e visões de mundo dos/as informantes, proporcionando troca e confronto de ideias, eu conseguiria produzir material empírico potente para responder às minhas questões de pesquisa” (idem p. 47). Ela também expressa que essa é uma técnica que procura informações sem buscar um consenso, valorizando o debate, as opiniões, a participação e as vivências de todos.

Por meio dessa interação, torna-se possível compreender a multiplicidade de representações, linguagens, práticas sociais prevalentes em determinados grupos. De acordo com a autora acima mencionada, com essa técnica, não se pretende chegar a respostas absolutas universais e a verdades, pois não se acredita em uma única origem das coisas e dos acontecimentos, mas problematizar a forma como vamos dirigir nossos olhares à análise do material. Nesse sentido, Giacomini (2011, p.48) expressa que: “[...] eventos são provisórios, e os movimentos de transformação e de permanência estão articulados ao longo de um período”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como palavras finais, podemos inferir que esta discussão abordou a técnica de grupo focal valendo-se de diferentes perspectivas teóricas de que fizemos uso para levantamento e análise de dados acerca de um problema de pesquisa. Os autores aqui referendados consideram a técnica potente por ter possibilitado diferentes discussões, reflexões e entendimentos a respeito do tema de suas investigações. Entendemos que poucos têm sido os registros de utilização da técnica de grupo focal no desenvolvimento de pesquisas para o ensino, e os trabalhos desenvolvidos que a têm utilizado em pesquisas qualitativas remetem, frequentemente, à área da saúde e da assistência social.

No entanto, os estudos dos autores aqui evidenciados apontam que a técnica de grupo focal é uma metodologia possível de ser utilizada também em pesquisas na área do ensino, cabendo enfatizar a importância do papel do moderador e ou pesquisador durante a condução das discussões da técnica. Ele deve apresentar flexibilidade e, ao mesmo tempo, firmeza na condução do tema para que as discussões do grupo não fujam da centralidade do tema ou objeto da pesquisa. Portanto, é preciso cuidado para que não aconteçam intervenções, sejam elas afirmativas ou negativas, por meio de palavras, gestos, expressões, porém, a expressão e a percepção de todos na sua individualidade e multiplicidade de sentimentos e pontos de vista são questões a serem respeitadas.

O grupo focal é entendido, nessa ótica, como uma técnica para levantamento de dados e com capacidade de envolvimento de todos os voluntários na pesquisa. Essa não deve ser compreendida como sinônimo de entrevista: ao contrário, o pesquisador lança um tema que pode ser em forma de uma frase, expressão, imagem ou pergunta, e os participantes contribuem livremente com suas opiniões a respeito do tema. Conforme exposto, o grupo focal permite desenvolver a não sequencialidade de fatos e acontecimentos, o que geralmente acontece na entrevista.

Nesse sentido, por parte do pesquisador, não há intenção de se emitir juízo de valor, isto é, o que seria certo ou errado. Possibilita-se, dessa forma, um envolvimento mais dinâmico em que são contempladas a espontaneidade e a interação de todos.

O levantamento de informações produzidas acerca da técnica de grupo focal não é dado *a priori*, mas sim material que adquire diferentes significados quando analisado, dependendo do referencial teórico, época, momento social e cultural. Assim, o grupo focal, em uma determinada pesquisa, deve ser objeto de reflexões em torno do tema pesquisado e acontecer com a utilização de qualquer método.

REFERÊNCIAS

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 17-36.

BELLO, A. T. **Pecuária do amor: relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre**. 2014. 143p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.

CORAZZA, S. M. **O que quer um currículo?** Pesquisas Pós-críticas em Educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2001.

_____. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a. p. 105-131.

_____. Pesquisa – ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwides (Orgs.). **Professora Pesquisadora uma práxis em construção**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b. p. 53- 66.

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). 2ª ed. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 199-214.

DAGNONI, Ana Paula Rudolf. **Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?** 2011. 187 fl. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências Humanas e da Comunicação-CEHCOM, da Universidade do Vale do Itajaí (SC), 2011.

DAL'IGNA, M. C. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagma Estermann. PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 195-217.

_____. **Família S/A. Um estudo sobre a parceria família-escola**. 2011. 182p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.

DORNELLES, P. G. **A (hetero) normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar**. 2013. 195p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

FISCHER, R. M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos III**. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 49-71.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Adriana Ribeiro de. **Análise por grupos focais do instrumento para avaliação de pessoas com deficiências intelectuais e físicas**. 2011. 138 fl. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Medicina. Goiânia, 2011.

GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2005.

GIONGO, I. M. **Educação e Produção do Calçado em Tempos de Globalização**: um estudo etnomatemático. 2001. Dissertação. 207p. Programa de Pós-Graduação em Educação, UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2001.

_____. **Disciplinamento e resistência dos corpos e dos saberes**: um estudo sobre a Educação Matemática da Escola Estadual Técnica Agrícola Guaporé. 2008. 206p. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Ciências Humanas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rio Grande do Sul, 2008.

GIACOMINI, S. A. **Processos de produção de masculinidades e feminilidades juvenis**: articulações com violências de gênero. 2011. 117p. Dissertação. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.

GILL, A. C. **Estudo de Caso**: Fundamentação Científica. Subsídios para coleta e análise de dados. Como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

GRASSELLI, F. **Educação Matemática, Etnomatemática e Vitivinicultura**: analisando uma prática pedagógica. 2012. 101p. Dissertação - Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Centro Universitário UNIVATES. Lajeado. Rio Grande do Sul, 2012.

GOMES, S. R. **Grupo Focal**: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. Cadernos de Pós-Graduação. São Paulo, v. 4, Educação, p. 39-45, 2005.

HAMPEL, A. **“A gente não pensava nisso...”**: Educação para Sexualidade, Gênero e Formação Docente na Região da Campanha. 2013.194fl. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

IERVOLINO, AS. PELICIONI, MCF. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Rev. Esc. Enf. USP, v. 35, n.2, p.115-121, jun., 2001.

NICARETTA, E. I. **Problematizando Educação, Matemática (s) e tecnologias numa prática pedagógica no Ensino Fundamental**. 2013. 149p. Dissertação - Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Centro Universitário UNIVATES. Lajeado. Rio Grande do Sul, 2013.

PARAÍSO, M. A.; MEYER, D. E. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

ROGENSKI, Noemi Marisa. **Avaliação da implementação de um protocolo de prevenção de úlcera por pressão**. 2011. 133fl. Tese – Doutorado – Programa de Pós-Graduação em gerenciamento em Enfermagem, da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SOUSA, C. S. de. **O desenvolvimento curricular do Curso de Fisioterapia em uma instituição de Ensino Superior do Interior do Estado da Bahia**. 2011. 186 fl. Um estudo de caso do tipo etnográfico. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania. Universidade Católica do Salvador, 2011.

WENETZ, I. **Presentes na escola e ausentes na rua. Brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade**. 2012. 229p. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre. Rio Grande do Sul, 2012.

ZANON, R. **Educação Matemática, Formas de vida e Alunos Investigadores: Um estudo na Perspectiva da Etnomatemática**. 2013.120p. Dissertação Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Centro Universitário UNIVATES. Lajeado. Rio Grande do Sul, 2013.